

# Bordando Identidades: uma experiência pedagógica para a diversidade a partir do currículo

Elisandra Gewehr Cardoso  
Patrícia Vieira da Silva Pereira  
Thalita Coelho Dantes

**Como citar:** Como citar: CARDOSO, Elisandra Gewehr; PEREIRA, Patrícia Vieira da Silva; DANTES, Thalita Coelho. Bordando Identidades: uma experiência pedagógica para a diversidade a partir do currículo. *In:* SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; JUNIOR, Wagner Antonio; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Educação, direitos humanos e diversidade: o currículo em foco.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.183-198. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-609-1.p183-198>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# BORDANDO IDENTIDADES: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA PARA A DIVERSIDADE A PARTIR DO CURRÍCULO

*Elisandra Gewehr CARDOSO<sup>1</sup>*

*Patrícia Vieira da Silva PEREIRA<sup>2</sup>*

*Thalita Coelho DANTES<sup>3</sup>*

---

## Introdução

Entre as obras expostas na 34<sup>a</sup> Bienal de São Paulo (2021), dois bordados se destacaram. Um trazia a palavra “Amor” numa faixa erguida por dois pássaros e um coração sangrando e o outro, não menos lírico, fazia referência a dois uniformes diferentes – um marinheiro e um almirante – sustentando juntos o peso de uma âncora e as palavras “ordem” e “liberdade”. Além dos pontos delicados, esses bordados chamaram a atenção por seu autor: João Cândido, o “almirante negro”, um dos líderes da Revolta da Chibata (1910)<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestre em Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília (UnB) e Professora da Educação Básica pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil. E-mail: cardoso.elisandra@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) e Professora da Educação Básica pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil. E-mail: patriciavieirasp74@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB) e Professora da Educação Básica pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil. E-mail: thalitacondantes@gmail.com.

<sup>4</sup> Apesar de abolida, as práticas de tortura física, em especial a chibata, permaneciam recorrentes na Marinha. Em 22 de novembro de 1910, marinheiros tomaram o controle dos encouraçados São Paulo e Minas Gerais e ameaçaram disparar contra a capital, o Rio de

A costura não era uma novidade na Marinha, já que os marinheiros precisavam fazer pequenos reparos a bordo, mas os bordados de João Cândido, feitos durante sua prisão (1910 - 1912) quando viu 16 dos seus 17 companheiros de cela morrerem asfixiados causaram imensa surpresa e demonstraram mais um aspecto desconhecido desse personagem histórico. Apesar de serem vistos como algo menor na história política na qual João Cândido se inscreve, esses bordados demonstram o papel da arte como expressão de luta.

O bordado foi tradicionalmente associado às mulheres, ao doméstico e até mesmo ao ócio, mas assim como João Cândido, artistas plásticos como Leonilson e Artur Bispo do Rosário, trabalhadores e principalmente trabalhadoras da indústria têxtil do início do século passado, fizeram do bordado uma expressão da sua identidade.

O projeto “Bordando Identidades” realizado desde 2019 é um projeto interdisciplinar que visa o fortalecimento das identidades individuais em suas singularidades para a construção de um ambiente escolar que valorize as diversidades, o pensamento crítico e autônomo, a partir dos pressupostos do “Currículo em Movimento”<sup>5</sup> do Distrito Federal, tendo a prática do bordado como ferramenta artístico-pedagógica<sup>6</sup>.

---

Janeiro, caso suas reivindicações, entre elas o fim dos castigos físicos, não fossem atendidas. Apesar das promessas, o governo traiu os marinheiros e os revoltosos foram encarcerados na Ilha das Cobras, onde apenas João Cândido e outro marinheiro sobreviveram. Livres da prisão, foram expulsos da marinha. Apenas em 2008, João Cândido e os demais revoltosos foram simbolicamente anistiados. Sobre os bordados expostos na Bienal, ver: <http://34.bienal.org.br/enunciados/9058>

<sup>5</sup> Essa proposta curricular do Distrito Federal, elaborada com a participação de professores, está em vigor desde 2013. Em 2018, houve uma reformulação para adequação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no entanto, foram mantidos os pressupostos teóricos que distanciam a proposta curricular do DF da BNCC.

<sup>6</sup> Agora, inserido em uma nova realidade inaugurada pela pandemia da Covid-19, este projeto se expande e se vincula de maneira permanente ao cotidiano escolar, interagindo com os muitos temas e outros projetos interdisciplinares que acontecem na escola durante o ano.

A proposta curricular do Distrito Federal, embasada pelas Teorias Crítica e Pós-Crítica, valoriza a ideia de “Educação Integral” propondo uma organização curricular que, entre outros aspectos, valoriza a autonomia do/a professor/a e da escola para o planejamento do trabalho pedagógico, a definição de objetivos e conteúdos contextuais, flexíveis, interdisciplinares e a indissociabilidade entre teoria e prática através de eixos transversais como “Educação para Diversidade” e “Cidadania em e para os Direitos Humanos” e o eixo integrador “letramento”<sup>7</sup>. Dessa forma, construímos ao longo do ano atividades interdisciplinares em Arte, Língua Portuguesa e História que visaram a resolução de problemas e transformação social.

O projeto surgiu da necessidade de trabalharmos a questão do respeito às diversidades de forma que envolvesse mais efetivamente os/as estudantes. Buscamos com o projeto evidenciar as memórias individuais e coletivas dos/as alunos/as e professores/as dando voz a diversas identidades, valorizando noções como alteridade e diferença, representação, cultura, gênero, raça, etnia e sexualidade.

### **Projeto “Bordando Identidades”**

Iniciamos o projeto a partir da leitura do livro “Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar”<sup>8</sup>, de Neusa Baptista Pinto - que apresenta a maneira como três meninas negras superaram o preconceito com seus cabelos crespos e também com a

---

<sup>7</sup> Há ainda o eixo transversal “educação para sustentabilidade” e o eixo integrador “Letramento e Ludicidade”.

<sup>8</sup> PINTO, Neusa Baptista. Cabelo Ruim? A História de Três Meninas Aprendendo a Se Aceitar. 3 ed. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2010.

leitura imagética de obras da artista visual Rosana Paulino, principalmente as que tratam de racismo e preconceito<sup>9</sup>.

O bordado, como procedimento artístico e atividade principal do projeto interdisciplinar, foi realizado nas aulas de arte e em momentos coletivos em que estudantes e professores/as bordaram e compartilharam saberes. Cada participante bordou seu nome e seu tipo de cabelo sobre tecido (20x20cm) no qual também foi impressa uma foto dos participantes, reforçando suas identidades ali presentes.

Também foram trabalhadas as trajetórias de vida de mulheres negras: Rosana Paulino, Carolina Maria de Jesus (escritora) e Marielle Franco (socióloga e política), que foram homenageadas em bordados feitos coletivamente.

**Figura 1 – Bordado coletivo produzido no projeto**



Fonte: Dados da pesquisa

---

<sup>9</sup> Foram trabalhadas imagens das obras da série “Bastidores”, “Parede da memória”, da série “Assentamento”, desenhos da série “Tecelãs” e “Ama de leite”.

Experiências plástico-visuais oportunizam a vivência de um imenso campo de exploração sinestésica de cores, texturas, cheiros, efeitos plásticos, dentre outras propriedades dos elementos da linguagem visual. Estabelecendo uma conexão entre a produção artística dos/as estudantes e a realidade em si, as leituras de imagens de obras instrumentalizam a interpretação e a análise crítica do imenso universo visual que permeia o cotidiano.

Nesse sentido, Ana Mae Barbosa (2005), alerta para a necessidade de um processo integral de envolvimento com a arte, levando ao pensamento inteligente sobre a criação de imagens aliado à leitura e julgamento sobre a qualidade dessas imagens oriundas da arte ou da cultura visual. A conjugação entre a prática artística, a leitura das imagens e sua contextualização fazem parte de um combinado que encaminha para possibilidades significativas de conhecimento em arte integrado à própria vida, questionando-se a existência de uma imagem, suas causas e consequências, os procedimentos utilizados para sua elaboração e a possibilidade de praticá-los.

Assim, na primeira edição do projeto, as leituras de imagens das obras de Rosana Paulino se potencializaram na própria natureza do trabalho interdisciplinar. Imagens das obras da artista<sup>10</sup> foram perenes nas aulas de arte pela importância de seu trabalho sobre a questão racial, principalmente sobre as vivências da mulher negra na sociedade brasileira. Nas palavras da artista<sup>11</sup>:

---

<sup>10</sup> A artista fala no uso irônico do bordado, considerando algumas obras mais como costuras e suturas.

<sup>11</sup> Entrevista para o Jornal da Universidade (UFRGS). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poder-da-imagem-afirma-rosana-paulino/>. Acesso em 09 jan. 2023.

Eu tenho certeza de que imagens curam imagens. A gente é muito ingênua, no Brasil, em relação ao poder da imagem. Talvez a maioria do que é colocado como preconceito, principalmente racial, não é colocado em palavras. É colocado em imagens – ou na ausência delas. Não é só ter uma imagem negativa, é não ter as imagens e referências positivas. Isso vai formando um imaginário (PAULINO, 2021).

O projeto “Bordando Identidades” é uma iniciativa que permite um novo olhar para as práticas e eventos de letramento<sup>12</sup> realizados na escola, uma vez que tem como um dos seus objetivos a ressignificação do trabalho de leitura que passa a ser vista não como um fim em si mesma, mas como uma fonte de autoconhecimento, conscientização e empoderamento.

Nas aulas de Língua Portuguesa buscou-se ampliar o processo de letramento dos estudantes, entendendo este em sua integralidade, como um contínuo social no qual estão inseridas as práticas de leitura e escrita que permeiam a vida dos sujeitos históricos. Nesse intuito, foram lidos em sala de aula poemas e biografias cujas temáticas estavam relacionadas a questões de gênero e raça, ampliando por meio desse conjunto de leituras o repertório sociocultural dos/as alunos/as, fomentando questionamentos e suscitando possíveis respostas, ao mesmo tempo em que se reforçava a importância da palavra escrita nas sociedades letradas.

Lendo e problematizando os relatos do diário de Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de Despejo”, por exemplo, os/as estudantes perceberam que a leitura e a escrita servem não apenas como ferramentas para auxiliar na apreensão dos conteúdos tradicionais curriculares, mas também para a produção dos sentidos

---

<sup>12</sup> Eventos permeados pela língua escrita.

do mundo que os cercam enquanto sujeitos, cidadãos e agentes de transformação social.

A leitura de biografias como a de Conceição Evaristo e de poemas de Sérgio Vaz também foram essenciais para o desenvolvimento do projeto, uma vez que nesses textos estavam representadas questões identitárias e discussões a respeito da luta para as emancipações cultural, racial e de gênero, tratadas no eixo para a diversidade do Currículo em Movimento.

É importante ressaltar que, em uma sociedade desigual como a brasileira, a escola ocupa lugar privilegiado de acesso à cultura letrada, sendo a maior entre as várias agências de letramento (KLEIMAN, 1995) das quais os/as estudantes podem participar: família, grupos de igreja, associações de bairros, entre outras. Para os jovens que estão do lado menos favorecido dessa sociedade desigual e perversa, a inserção no ambiente de letramento e o convívio com leitores experientes se dá, de forma mais contundente, no chão da escola pública.

Por estar presente em todas as salas de aula, a leitura traz em si o princípio da interdisciplinaridade sob o qual se pauta o Currículo em Movimento. Essa característica, tornou-se elemento integrador entre as três disciplinas co-participantes do Projeto, estimulando o diálogo e a troca entre as professoras e proporcionando novos olhares sobre o fazer pedagógico. Isso significa dizer que o trabalho textual não ficou restrito às aulas de Língua Portuguesa, como costuma acontecer: lia-se e analisava-se poemas nas aulas de Arte e História, trazendo distintas percepções dessas leituras que, se restritas às aulas de Língua Portuguesa, não aconteceriam.

Assim, pensando na escola como lugar privilegiado de usos da escrita, no espaço da diversidade e do pertencimento, das intersecções dos saberes dentro e fora das salas de aula, o Projeto “Bordando

Identidades” abriu espaço para leituras de gêneros textuais variados, rodas de conversas, trocas entre pares sobre percepções acerca dos textos, contribuindo para a ampliação do processo de letramento, ao mesmo tempo que proporcionou reflexões a partir dos lugares e papéis sociais que esses/as estudantes ocupam na sociedade.

Na disciplina de História, os/as estudantes foram instigados a desenvolver uma aprendizagem de si, seu passado e a relação com as biografias lidas. A partir do estudo das multivisões históricas, foi possível compreender que existem várias histórias, sujeitos e que não existe uma hierarquia entre elas, mesmo que a história oficial nem sempre traga a luz para esses sujeitos invisibilizados. O objetivo foi reconhecer-se como participante da história e portanto, agente de sua transformação. Para isso, a disciplina investigou histórias de mulheres próximas dos estudantes - mães, avós, tias, entre outras - que foram relacionadas ao contexto histórico do Brasil e do DF e as problemáticas de gênero, raça e classe.

Embora a Base Nacional Comum Curricular traga habilidades que tratam da história das mulheres e das questões de gênero e o Plano Nacional do Livro Didático incorpore como critérios de avaliação dos livros didáticos o combate ao sexismo e ao racismo, ainda há uma aprendizagem histórica da desigualdade de gênero presente nos currículos e, principalmente, nos livros didáticos, marcada pelo essencialismo e pelo universalismo, gerando generalizações e homogeneizações do passado que colocam o gênero como algo a-histórico, naturalizado, que determina as relações binárias/hierárquicas entre homens e mulheres como sempre existentes (OLIVEIRA, 2019).

O perigo dessa leitura essencialista do gênero é que ela não deixa espaço para indagação do passado e, conseqüentemente, de conscientização sobre o presente. Nesse sentido, os livros didáticos são

fundamentais, pois são um dos mais eficientes dispositivos da cultura histórica. Quando desenvolvemos o projeto notamos que havia poucas referências de mulheres negras nos livros didáticos e que a forma como eram representadas, via de regra, era de maneira subalternizada e faltavam representações femininas que escapassem a subalternidade e/ou que fossem vistas como “excepcionais”<sup>13</sup> (OLIVEIRA, 2019).

Dessa forma, as biografias foram trabalhadas na perspectiva da história do possível, ou seja, a partir de um tratamento desses passados sensíveis, como esses que envolvem as questões de gênero e raça, de forma a não reificar as imagens de violência contra as mulheres na história, buscando a “alteridade, conferindo visibilidade aos “passados estranhos” reveladores de saberes e práticas que escapam às convenções e normas de sociedades classificadas como patriarcais, avançadas, modernas e civilizadas” (OLIVEIRA, 2019), ou seja, biografias de mulheres próximas e históricas, tanto do passado como do presente destacando-as como agentes sociais e sujeitos históricos, revelando portanto outras representações de mulheres diferentes daquelas generalizadas, estereotipadas, vitimizadoras, racistas e sexistas que predominam na cultura histórica escolar.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto “Bordando Identidades” baseia-se nos princípios de educação integral que orientam o Currículo em Movimento do Distrito Federal (DF) e que objetiva uma educação para a prática social, ou seja, para seu uso

---

<sup>13</sup>Conforme Oliveira (2019), os livros didáticos seguem a tendência da cultura midiática de usar os corpos femininos como expressão de sofrimento humano, quando não as narrativas de excepcionalidade como “mulheres à frente de seu tempo” apenas para reafirmar a força do patriarcado no destino das mulheres ao longo do tempo, onde elas aparecem em um determinado momento histórico e desaparecem logo em seguida. Como exemplo podemos citar Maria Quitéria, que lutou nas guerras de independência do Brasil vestida de homem e quando não pode se alistar após os fins dos conflitos retirou-se da vida pública, casando-se e tornando-se mãe.

social, ultrapassando a educação bancária, conteudista e acrítica. Segundo o Currículo em Movimento:

[...] pretende-se assim que as diversas manifestações da arte e da cultura formem um indivíduo plural, capaz de conhecer a história construída pela humanidade, o patrimônio do mundo e de se comunicar de forma criativa e sensível a fim de que se fortaleça laços de identidade. (SEEDF, 2013).

O Currículo em Movimento é um currículo de educação integral, que compreende que os sujeitos são formados nas relações sociais e elas são produzidas ao longo da história. Por isso, ao abordar as identidades, em especial aquelas ligadas a gênero e raça, o projeto discutiu como essas identidades são instituídas, legitimadas e reproduzidas no âmbito da cultura. Sendo o currículo parte dessa política cultural institucionalizada, é necessário problematizar as “marcas” de repetição que os padrões culturais impõem e como tais marcas afetam nossos discursos e práticas enquanto educadores (ANDRADE, 2007).

Ao discutirmos com estudantes os sentidos que são atribuídos às questões de gênero e raça, nossa proposta era que esses reconhecessem como estão inseridos em um mundo já interpretado, cujas representações sociais não são neutras, mas que, se compreendidas, podem possibilitar novas formas de atuação e reflexão, influenciando diretamente na formação da identidade desses sujeitos para a transformação social, como objetiva a educação integral.

Essa perspectiva de formação das identidades foi adotada pela centralidade que o tema recebe no “Currículo em Movimento”, que tem como referência a Pedagogia de Multiletramentos, cuja prática deve considerar o mundo e a escola pela lente da diversidade e da

multiplicidade de linguagens e culturas e também a formação de cidadãos críticos.

O termo multiletramentos proposto pelo Grupo de Nova Londres na década de 1960 surgiu em contraposição à intransigência manifesta com a diversidade. O multiletramento valoriza a pluralidade cultural e as diversas linguagens, no sentido de ampliar as práticas que devem ser exercitadas para compreensão de diferentes contextos culturais.

O conceito de multiletramentos proposto pelo Currículo em Movimento propõe o empoderamento dos/as estudantes na perspectiva de uma participação ativa na sociedade do conhecimento, caracterizada pela circulação de um grande e diversificado volume de informações, proporcionando um maior grau de autonomia, criticidade e engajamento social.

Por isso, adotou-se a Pedagogia por Projetos como referência para implementação das perspectivas descritas acima. Embora não haja um modelo ideal de Pedagogia por Projetos, nessa abordagem os indivíduos se envolvem para produzir ou descobrir algo novo, procurando respostas ou problemas reais. (PRADO, 2005).

O objetivo com a adoção desses referenciais foi reconhecer a diversidade e a singularidade de cada indivíduo e a autonomia na prática escolar e social de educadores e estudantes em relação aos temas dos eixos transversais. A crescente onda conservadora tem transformado cada vez mais esses temas, em especial as questões de gênero e raça, em polêmicas, por isso desenvolver uma prática pedagógica com vistas a mudanças na prática social dos/as estudantes não só efetiva as proposições dos multiletramentos, mas principalmente promove a emancipação dos indivíduos no sentido de empoderá-los frente às situações de discriminação que lhes poderão ser impostas.

A ideia do empoderamento foi trazida como uma perspectiva de ação, na qual os/as estudantes se identificaram e reconheceram sua própria autoria. O termo empoderamento relaciona-se à Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, no entanto, há uma outra perspectiva sobre o termo, advinda do movimento feminista do terceiro mundo, em especial das educadoras populares que sentiam a necessidade de discutir a mudança da posição das mulheres na sociedade, para além da perspectiva tradicional de ideologia de gênero e divisão do trabalho (SARDENBERG, 2009).

Nessa perspectiva, a noção de empoderamento se atrela a interesses estratégicos que implicam em transformações das estruturas de subordinação por meio de mudanças profundas nas leis, direitos de propriedade e outras instituições que reforçam e reproduzem a dominação masculina. Sardenberg (2009), citando Batliwala (1994, p.129), aponta que poder é “controle sobre recursos materiais, intelectuais e ideologia”. Portanto, empoderamento é o processo de questionar esse controle de recursos materiais e ideológicos, cujo objetivo é transformar a natureza em direção das forças que marginalizam mulheres e outros setores excluídos.

Nesse sentido, empoderamento é, simultaneamente, processo e o resultado desse processo, sendo que, no caso das mulheres, esse processo tem como objetivos: (1) questionar a ideologia patriarcal; (2) transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero as desigualdades sociais; e (3) criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais e informacionais (SARDENBERG, 2009, p. 6).

Para empoderar, é preciso questionar as estruturas patriarcais, o que parte de um reconhecimento de uma ideologia que legitima a

dominação masculina e que para isso requer um processo de conscientização. Nesse sentido, os bordados confeccionados pelos/as estudantes têm duplo sentido, são resultado do processo de conscientização e mudança na prática social, bem como um processo de empoderamento, à medida que se dispunham a atuar como agentes desse processo ao refletirem sobre construções da masculinidade e da feminilidade que expressavam em seus bordados.

### **Considerações Finais**

Considerar a realidade pela lente da diversidade, da multiplicidade de linguagens e culturas, favorece o empoderamento, posto que além do respeito às diferenças, permitem a apropriação de diversas formas de participação social e de protagonismo, aumentando as condições para o exercício da cidadania, favorecendo, assim, a formação integral de estudantes.

Desse modo, o projeto “Bordando Identidades” foi uma forma de “disputar o território” dentro do currículo, enxergando-o também como um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos, mas reconhecidos e confrontados.

A inclusão de temáticas ligadas às minorias invisibilizadas nos currículos, em especial às questões de gênero e raça, refletem como esse “território em disputa” que é o currículo responde às demandas dos movimentos sociais e políticos, que buscam problematizar e transformar seu o caráter historicamente homogeneizante e massificador.

O Currículo em Movimento, ao adotar como objetivo a educação integral em caráter transversal, demanda a necessidade de se

pensar a questão da diversidade de grupos e sujeitos historicamente excluídos do direito de aprendizagem, e de modo mais geral dos demais direitos como mulheres, pessoas com deficiências, negros, povos indígenas, população LGBTQIA+, quilombolas, pessoas do campo e pobres, entre outros.

O projeto buscou dentro do currículo problematizar essas narrativas negligenciadas a partir de uma concepção de igualdade baseada no reconhecimento das diferenças como forma de combater os preconceitos e discriminações. Como explicita o próprio currículo: “Não é possível uma educação que se predisponha a ser integral, sem que se considerem as bandeiras que os movimentos sociais vêm fazendo dos Direitos Humanos” (SEDF, 2013, p. 59).

Dessa forma, observa-se uma indissociabilidade entre a concepção de educação integral e educação em e para os direitos humanos, diversidade e cidadania, que são os eixos transversais que materializam a concepção de sujeito da educação integral, ou seja, “o ser multidimensional, com identidade, história, desejos, necessidades, sonhos, isto é, um ser único, especial e singular, na inteireza de sua essência e complexidade” (SEDF, 2013, p. 10).

O bordado e o projeto proporcionaram, portanto, uma prática de individuação baseada na aprendizagem compartilhada, quando estudantes e docentes bordavam juntos, se ajudavam e ensinavam mutuamente, de experimentação sensível e afetiva, de valorização das identidades individuais e coletivas – especialmente no contexto da negritude e da história brasileira - e auto aceitação dessas identidades com liberdade e criatividade para expressar-se da maneira como desejassem, contribuindo para um sentimento de empoderamento pessoal.

Os relatos produzidos pelos/as estudantes demonstram como a educação integral nos permitiu, além de transmitir conhecimentos,

transformar por meio do questionamento e transgredir nossa prática para liberdade, ultrapassando a noção de espaço escolar como carregados de disciplina e hierarquização (HOOKS, 2013).

## Referências

- ANDRADE, Andreza de Oliveira. Currículo, Gênero e práticas culturais: desafios ao ensino de história. In: XXIV Simpósio Nacional de História (ANPUH). **Anais...** São Leopoldo. 2007.
- BARBOSA, Ana Mae T. B. **A imagem no ensino da arte**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- DISTRITO FEDERAL. **Currículo em movimento da educação básica**, 2013.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005.
- OLIVEIRA, Susane R. Violência contra as mulheres: cultura, subjetivação e ensino de histórias do possível. In: **Gênero, subjetivação e perspectivas feministas**. SILVA, Edlene Oliveira; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. (Orgs.). Brasília, DF: Technopolitik, 2019.

SARDENBERG, Cecília M. B. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista”. In: I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres. **Anais...** Salvador, Bahia, NEIM/UFBA. 2006.